

# Flexibilidade Funcional da Mão-de-Obra

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

As tecnologias, baseadas em aplicações da microelectrónica e dos computadores, têm uma natureza intensamente horizontal. Do lado do utilizador, graças à metodologia de «utilização amigável» e à crescente simplificação dos procedimentos técnicos, tanto faz exercer funções numa actividade como noutra.

Este fenómeno corresponde à flexibilidade funcional dos recursos humanos. Cada operador humano dispõe de capacidade para aprender a exercer funções diferenciadas e executar múltiplas tarefas, a partir dos seus conhecimentos básicos de ordem tecnológica e humanista. Trata-se afinal de uma consequência geral possibilitada pelas tecnologias de informação. Idêntico resultado se detecta na pesquisa de flexibilidade em sistemas tecnológicos, particularmente na área industrial com os chamados sistemas flexíveis de fabricação.

Daí decorre um progressivo esbatemento entre profissões. Actualmente já se nota alguma dificuldade em distinguir muitas das actividades nas empresas. Acontece mesmo uma certa redução do número de categorias profissionais. Tudo isto ocorre porque a utilização dos meios informáticos veio permitir a fácil adaptação dos trabalhadores a diferentes postos de trabalho, uma vez que a automatização dispensa o homem em bastantes operações nos processos de execução.

Naturalmente que esta tendência irá acentuar-se com o desenvolvimento eficaz da inteligência artificial, se os sistemas dispuzerem de recursos periciais apropriados, aliviando em grande medida a presença de especialistas humanos de elevada qualificação.

Note-se aqui a predominância do investimento de capital, em bens e equipamentos produtivos, relativamente ao tradicional investimento em mão-de-obra. O caminho do aumento da produtividade, sempre na

procura da melhor competitividade, leva à implementação da flexibilidade. E esta faz apelo às novas tecnologias, que por sua vez deixam deslocar os obreiros de um posto de trabalho para outro com avontade e eficácia.

Outra causa para a generalização do efeito de flexibilidade funcional da mão-de-obra é a universalidade dos princípios científicos das metodologias de gestão. Na realidade os métodos usados para gerir empresas ou linhas de produção são basicamente idênticos em diferentes sectores. Poderão existir adaptações circunstanciais, mas na sua essência revelam-se comuns as diretrizes ordenadoras.

A normalização desempenha um papel importante na limitação das dispersões em cada situação, reduzindo muito a necessidade de adaptações. Por seu turno, dentro das convenções normalizadas, a concepção modular dos sistemas facilita enormemente a integração e a redefinição oportunística. Estas duas características de projecto, a normalização e a modularidade, constituem aspectos tecnológicos que irão incrementar ainda mais o enriquecimento da concepção sistémica. Mas é evidente que daí resulta um impressionante esbatemento nas categorias profissionais.

Bem vistas as coisas, sempre apareceram novas profissões com a evolução das tecnologias, extinguindo-se muitos dos postos de trabalho tradicionais com a mutação tecnológica. Por exemplo, os aguadeiros pelas ruas das cidades desapareceram com a distribuição de água através de canalizações. Da mesma maneira, os tipógrafos estão a reverter-se para as novas tecnologias gráficas (enquanto tiverem tempo), porque esta categoria profissional encontra-se em vias de extinção, mercê da aplicação das modernas tecnologias de pré-impressão e impressão em offset.

Toda esta surpreendente evolução técnica e organizacional no âmbito do trabalho nas empresas exige uma considerável mudança no sistema de ensino e formação profissional. Corres-

ponde a mais uma consequência societal do efeito de flexibilidade funcional.

De facto, o sub-investimento no ensino e formação, quanto à introdução das novas tecnologias e aprendizagem dos modernos métodos de trabalho, compromete seriamente a competitividade no futuro. Deve-se procurar atingir ganhos de produtividade que reduzam a participação de mão-de-obra na produção industrial e nos serviços, sem afectar a rápida resposta às exigências evolutivas dos mercados. Para isso a educação básica tem de ser fundamental e a formação profissional terá de ser principalmente rica em polivalências, deixando as eventuais especializações para graus mais elevados do conhecimento.

Deduz-se igualmente a repercussão da flexibilidade funcional ao nível da investigação e desenvolvimento. É aliás, por excelência, que se manifesta esta característica do novo mundo em que vivemos. As equipas de pesquisa tecnológica, numa formulação genérica, não vivem além dos projectos de dois ou três anos. A mobilidade dos investigadores dentro de uma instituição ou mesmo no quadro inter-institucional, entre projectos que se concluem e se iniciam, é uma realidade de difícil reorientação. Tal liberdade de actuação insere-se no estímulo implícito da própria actividade de investigação científica e tecnológica.

Em resumo, vislumbram-se modificações pertinentes na estrutura da sociedade moderna relativamente à organização societal do passado e na qual ainda hoje nos movemos. O futuro, porém, revelará diferentes paradigmas no quadro do trabalho nas empresas, devido às distintas implicações das tecnologias de informação. A começar pela natureza sistémica, por oposição à ordem interactuante no paradigma mecanicista. ■